

Projeto Conhecimento Entre Colunas

Setembro de 2023 - ANO I – Nº 002

O Renascer para a Maçonaria



O Simbolismo da escada de Jacó



Confira nesta edição:

- ✓ O I Ching
- ✓ O Silêncio
- ✓ Progresso x Tradição
- ✓ E muito mais



O lema iluminista "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" exprime as aspirações teóricas da sociedade maçônica que, se atingidas, levariam a um alto grau de aperfeiçoamento de toda a humanidade.

EDITORIAL

Meus Amados Irmãos!

É comum nos encontrarmos perguntando sobre os rumos da maçonaria, diante de tantas mudanças ocorridas nas últimas décadas (pandemia, virtualidade, evasões, descomprometimento, entre outras).

A Maçonaria é uma escola de aperfeiçoamento para o homem, cuja finalidade é combater a ignorância em todas as suas modalidades, sendo um dos princípios essenciais a busca pela perfeição, nossa Ordem é perfeita e considera os homens iguais em direito para que seja respeitada a dignidade de cada um, mesmo que sejamos tão diferentes e imperfeitos.

Direta ou indiretamente a maçonaria esteve presente nas grandes decisões que nortearam os rumos de nossa história, será que mantemos essa premissa?

A Maçonaria sempre foi um “celeiro de ideias e uma oficina de bons exemplos”, e que seus feitos continuam no presente, com os olhos voltados ao futuro. E, diante de tantas preocupações e dúvidas, nos vem à mente: qual será o futuro da Maçonaria? Qual futuro você quer viver? Qual futuro estamos criando?

Será que nós Maçons de hoje, já demos conta de que tudo à nossa volta é resultado do que foi projetado por alguém no passado, e cuja plenitude foi alcançada? Que também temos a obrigação de construirmos nossa “obra”?

Nossa fraternidade precisa prosperar no futuro, e nós precisamos de coragem para enfrentarmos os desafios que nos apresentam todos os dias.

Por essas e mais razões, meus Irmãos, não nos preocupemos em prever o futuro, mas sim, em construí-lo!

O futuro da Maçonaria está em nossas mãos!

Pensemos nisto!

Desde já agradecemos a todos os irmãos que nos ajudaram a chegar até aqui.

EXPEDIENTE

Editor: Ir.: Fábio C. de O. Neves

Tel: (91) 98831-8131

E-mail: projetoconhecimento.fanoel@gmail.com

Redação: Ir.: Dhyego Alessandro Costa

Tel: (91) 99172-5011

As opiniões expressas pelos autores nos artigos individuais não representam a orientação e pensamento da direção da Revista.

Para qualquer informação, escreva para projetoconhecimento.fanoel@gmail.com ou entre em contato com a redação.

Para o mesmo endereço de e-mail, é possível enviar suas contribuições exclusivamente em formato Word.

Agradecemos a todos os irmãos que contribuíram com o conteúdo da revista com seu trabalho nesta edição.

ÍNDICE

CAPA – O RENASCER PARA A MAÇONARIA.....	Pág. 02
CAPA – SIMBOLISMO DA ESCADA DE JACÓ.....	Pág. 03
O I CHING.....	Pág. 05
AS VIAGENS DO MESTRE SECRETO.....	Pág. 08
PREBOSTE E JUIZ: ONDE A JUSTIÇA ESTÁ ENTRE COLUNAS.....	Pág 11
MEU NOME HISTÓRICO: WINSTON CHURCHILL.....	Pág. 13
SOBRE O SILÊNCIO: UMA PROPEDÊUTICA.....	Pág. 14
PROGRESSO X TRADIÇÃO.....	Pág. 16
MAÇONS QUE LEEM E MAÇONS QUE NÃO LEEM..	Pág. 17
A NECESSIDADE DO ARCO REAL PARA O MESTRE MAÇOM.....	Pág. 20
O TRATAMENTO DE IRMÃO.....	Pág. 22
OS AUTORES.....	Pág. 24



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
 FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
 JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO
 PARÁ
 TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

CAPA

O RENASCER PARA A MAÇONARIA

por: Fábio C. de O. Neves

Adentre os mistérios ancestrais e a rica tradição da Maçonaria, onde cada passo é uma jornada em direção ao conhecimento mais profundo. Nessa narrativa única o ponto de partida desta jornada é a iniciação cujo ritual transcende o tempo e se desenrola como ritual dramático, trazendo o profano a se reencontrar com a vida através da Maçonaria.

A iniciação é um evento de natureza esotérica e iniciática, conduzindo através da encenação de um ritual que pode ser descrito como uma “representação simbólica” no qual o profano assume o papel central do drama.

Todos os procedimentos prévios devem ser seguidos em conformidade com as leis e tradições maçônicas estabelecidas, entre os quais está o processo de reflexão dentro da câmara de mesmo nome, que a partir dali começa propriamente seu renascimento esotérico e simbólico.



Marca-se, nesse contexto, a iniciação como o início da transição da ignorância para a sabedoria, sendo a primeira etapa histórica desse processo, ela conduz o neófito a admiração pelo Grande Arquiteto do Universo, estimulando a exploração interior e o entendimento de seus deveres em relação a seus pares, preparando o neófito para a filantropia, a virtude e o estudo.

Em meio ao processo a o encontro com a Alquimia, com os processos de transmutação e seus principais elementos, aqui cito o fogo, pelo qual vários elementos se transformam, que para o neófito é focado na purificação.

Ainda em meio ao ritual de iniciação o candidato presta um solene juramento, em frente ao livro das sagradas escrituras de acordo com sua fé, esta fé é de suma importância para que entre na senda maçônica, e ela é que define sobre qual o livro ele fará seu juramento. Mas é nesse momento que

o agora neófito adere aos princípios fraternais da Maçonaria e que assim o Grande Arquiteto do Universo lhe conceda força, humildade, sabedoria e tolerância.

Força para suportar com serenidade as barreiras e pressões ideológicas ou psicológicas e eventuais ofensas com que certamente o atacam aqueles que cegos a luz da verdade do conhecimento se satisfazem na cinzenta dimensão de seus pequeninos horizontes sem conhecerem vitória e nem derrota.

Humildade para trabalhar em benefício da fraternidade maior que é a humanidade e poder crescer em harmonia com todo o universo, buscando incessantemente dar cumprimento a parte da grande obra que lhe for destinada nesta jornada terrena, assim como buscar satisfazer sua curiosidade que o próprio Deus imprimiu em seu espírito sobre as razões da criação de modo que não ofenda e nem despreze o plano divino.

Sabedoria para continuar sendo um homem livre, justo e limpo de mãos e de espírito, seguir sua consciência e sua fé, recuar de qualquer caminho que o afaste da procura da verdade suprema adquirindo o conhecimento e multiplicando-o torna-lo uma bênção.

Tolerância é uma virtude tão escassa nos dias de hoje, para que seu espírito jamais se turbe com preconceitos, superstições e posições dogmáticas, pois se essa virtude lhe faltar serás apenas uma folha na corrente das paixões e nada poderá construir que justifique o dom da vida que recebeu.



Que o Grande Arquiteto do Universo lhe ilumine, guarde e o ajude sempre para que jamais se afaste desses princípios que ora abraçou e que poça ser mais um irmão entre irmãos livres até o fim de seus dias cumprindo cada palavra de seu juramento com honra e dignidade e que seu espírito sempre esteja em alerta contra as glórias vans e transitórias que o homem cria para alimentar a própria vaidade e disfarçar suas fraquezas.

CAPA

SIMBOLISMO DA ESCADA DE JACÓ

por: Mário S. dos S. Nascimento

O conhecimento é a principal ferramenta para evolução humana, os símbolos representam elementos educativos que ajudam a sociedade nesse processo, simplificando a linguagem desmistificando ou não a mensagem. O símbolo é um objeto físico que possibilita ao indivíduo a percepção da realidade de forma mais fácil, é uma ferramenta do pensamento e em alguns casos com significação moral. Para Blummer (1969), o símbolo é como qualquer coisa que pode ser indicada, qualquer coisa que pode ser apontada ou referida: um livro, uma legislatura, um profissional de qualquer área, uma doutrina religiosa, uma doutrina filosófica, um artefato, um fantasma e assim por diante e podem ser de três tipos: físicos (coisas), sociais (pessoas) e abstratos (ideias).

O Rito Adonhiramita, no grau de Companheiro, utiliza a simbologia da escada de Jacó como elemento educativo. De acordo com a bíblia sagrada, “Jacó tem um sonho, onde percebe uma escada posta da terra e seu topo tocava nos céus: e eis que anjos de Deus subiam e desciam por ela. Jacó interpretou que Jeová está neste lugar e que este lugar é a casa de Deus e este é o seu portão de entrada” Genesis 10,11,12,17,18. Qual o significado desta alegoria para este rito maçônico?



Segundo Ramires (2011), a escada de Jacó entrou para o simbolismo maçônico no transcurso do século XVIII, diversos autores não são unânimes quanto à precisão de data e ano que tenha aparecido nos primeiros painéis de graus pintados, desde então, a alegoria bíblica ganhou importância fundamental nos ritos maçônicos, representando o progresso dos obreiros na ordem, recebendo assim aumento de salário, a escada representa a difícil jornada em busca da perfeição, do desenvolvimento espiritual, escalada ascensional na sublime ordem e na vida sem necessariamente ter um fim.

A escada apresentada no ritual do grau de Companheiro Maçom apresenta os três primeiros degraus contendo as joias das três luzes da Loja: prumo, nível e

esquadro, que simbolicamente darão início aos ensinamentos do Obreiro, na prática qualquer mestre pode instruir.

Os cinco degraus seguintes estão relacionados aos cinco sentidos do ser humano, audição, visão, olfato, paladar e tato, os quais ajudam a perceber a realidade, ou seja, esta é fruto do olhar que se lança para vida, dependente do ponto de vista individual. Os órgãos dos sentidos são utilizados para percebermos a realidade, as imagens, sons, cheiros, tato, são estruturadas por nossos sentidos junto com as informações armazenadas no cérebro. Tudo depende exclusivamente de nossas qualidades internas, a visão do ambiente é subjetiva, geradora de diferentes emoções.



Percebe-se também cinco colunas que representam aprimoramento arquitetônico, intelectual e moral de certas civilizações que simbolicamente induzem e estimulam o companheiro maçom a evolução intelectual e moral. As colunas representam o sustentáculo de uma construção, simbolicamente, sustentáculo humano.

As colunas estão assim distribuídas:

1ª Ordem Coríntia, simboliza a beleza, aperfeiçoamento das faculdades intelectuais e morais, onde emanam o amor e a fé.

2ª Ordem Dórica, simboliza a força, aperfeiçoamento através da ciência, nas artes e nas profissões liberais.

3ª Ordem Jônica, simboliza a sabedoria, firmeza da alma e a coragem para um julgamento reto, autoconfiança.

4ª Ordem Compósita, simboliza retidão de ações e equidade no trato de seus semelhantes, prática da humildade.

5ª Ordem Toscana, simboliza inteligência, estágios evolutivos constantes, plano físico e espiritual, busca da verdade.

Os degraus seguintes representam as sete ciências e artes do mundo antigo, também conhecidas como Artes liberais, que segundo a definição de Aristóteles, arte é a capacidade de produzir com o raciocínio reto ou uma disposição suscetível de criação acompanhada de razão verdadeira. Liberal significa homens livres para aprender o que desejam através de uma plena e total dedicação ao estudo e investigação, através da lógica, gramática e retórica, conhecidas como Trivium; aritmética, música, geometria e astronomia, conhecidas como Quatrivium.

De acordo com a autora, Irmã Miriam Joseph (2008), as sete artes estão vinculadas aos conhecimentos tradicionais, apresentam grandes simetrias com outros aspectos da estrutura da realidade, permitindo, por exemplo, analogia com o sentido simbólico dos planetas, relacionando a retórica com Vênus; gramática com Lua; a lógica com Mercúrio; a aritmética com o Sol; a música com Marte; a geometria com Júpiter e a astronomia com Saturno.

O Trivium e o Quatrivium fazem parte do que se denomina cultura clássica, educação clássica, aquela que prepara o aluno para poder debater os conteúdos dos grandes autores utilizando habilidades adquiridas através da gramática, coerência e lógica, tendo como objetivo primordial, o início a uma vida de aprendizagem. A educação ocorre por meio da comunicação, ou seja, pelo encontro de duas ou mais mentes que possuem algo em comum.

Então, volta-se a pergunta motivadora desse estudo: Qual o significado desta alegoria para este rito maçônico?

De acordo com o nosso entendimento, a subida nos degraus representa a evolução do homem baseada no conhecimento, percepção da vida através de conquistas pautadas em uma escada simbólica, indicando que o companheiro começou seu aperfeiçoamento moral. A escada de Jacó é o veículo para o homem acender a um plano superior, sendo assim, os companheiros são instruídos para as artes e ciências liberais, para o conhecimento esotérico.

Portanto, a ordem educa e instrui pessoas para que elas controlem suas vidas de modo responsável, seus pilares são conhecimento e tradição como sociedade iniciática, a ordem atua como jornada em que há contínuo empenho na



potencialização das qualidades humanas. As pessoas que querem realmente aprender alguma coisa, estudar por estudar, usar melhor a mente e entender melhor a vida, o que diferencia educar de ensinar.

No símbolo prevalece sempre a ideia, interpretação e o significado, o entendimento sobre este é primordial, para chegar a percepção do esoterismo.

O conhecimento é necessário e deve vir associado as ações de solidariedade, fraternidade, tolerância, amor, contribuindo com o aperfeiçoamento da qualidade do Companheiro, gosto pelo aprimoramento intelectual, regime de estudo livre. O aprimoramento moral perpassa pelo autoconhecimento, este vem do esforço pessoal, a escada representa o caminho que aproxima ao GADU.



REFERÊNCIAS

- JOSEPH, Miriam. **O trivium**. As artes liberais da lógica, gramática e retórica. 2008, ed. É realizações.
- RAMIRES, Ruy Luis. **A importância da escada de Jacó no simbolismo adonhiramita**. Texto 2011.
- GOB. **Ritual do companheiro maçom**. Rito adonhiramita. São Paulo, 2009.
- BLUMER, H. **Symbolic Interactionism**. Perspective and Method. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1969

O I CHING – Elementos da Tradição Milenar Chinesa

por: Emanuel Tadeu Coutinho Machado

O I Ching possui uma história milenar, e ao lado de outros livros clássicos como o Tao Te King, é um dos mais importantes compêndios de Sabedoria da tradição chinesa. Foi escrito ao longo de séculos desde o ano 3000 a.C. até



cerca de 479 a.C. Alguns sábios contribuíram para a sua elaboração: Fu Xi, Rei Wen, Duque de Chou e Confúcio. Veio sendo aperfeiçoado e a essência do livro foi paulatinamente desvendada e aprofundada com a constatação de sua aplicabilidade no cotidiano, como referencial de sabedoria. Além disso, o sistema do I Ching contém uma impressionante cosmogênese,

que se desdobra na construção de todo o universo manifestado.

Ele é baseado no movimento circular da luz, o qual estabelece os ciclos da vida. A luz é característica vibracional de todos os seres, e seus diferentes graus de expressão constituem e organizam todo o Universo manifestado. Este jogo entre luz e sombra, é o fator organizativo das formas e dos seres, haja vista que tudo se compõe da união de opostos.

Mas, ao mesmo tempo que é livro de Sabedoria, o I Ching inspira algumas ciências: estratégia, poesia, política, astrologia, dentre outras. É possível, portanto, utilizá-lo como guia e referência em muitas concepções filosóficas relacionadas a tais ciências.

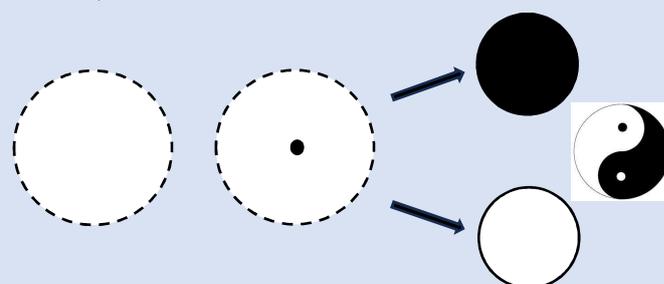
Os chineses tinham um modo mítico e particular de pensar. Infelizmente muito da sua cultura milenar se perdeu e vem fenecendo cada vez mais nos últimos séculos. Mesmo assim, muito ainda se preserva. Acreditavam no princípio do verbo criador, que era expressa na figura do dragão dourado, que a tudo governava. Também associavam céu e terra aos princípios do espírito e da matéria. Viam o mundo em um tipo de eterna e constante mudança. A essência transcendia o mundo das formas. As Leis eram universais e todos os seres eram submissos a ela:

“Tudo segue fluindo, como esse rio, sem cessar, dia e noite. Aquele que percebe o significado do que vem a ser a mutação, fixa sua atenção não mais sobre os entes transitórios e individuais, mas sobre a imutável e eterna lei que atua em toda mutação.”

(I Ching)

Acerca do mecanismo da relação entre céu e terra podemos citar: *“Quando o Céu vem e é recebido pela Terra, quando o Qi é retido pelas formas adequadas, todas as coisas têm origem. Quando o Qi é sentido e oferece resposta, os espíritos abençoam os seres. Assim, a imagem do Céu e a forma da Terra devem se corresponder, para que o de cima e o de baixo se tornem únicos. Assim é o mecanismo da transformação.”* (I Ching)

A cosmogênese chinesa se apresenta da seguinte forma: Wu-Chi dando origem ao TAO, que se desdobra no Yin/Yang e finalmente no Tai Chi.



Wu-Chi → TAO → Yin/Yang → Tai Chi

Yin: — —

Yang: —

No I Ching os princípios Yin e Yang são o pulsar básico do universo que forma a todas as coisas. Estes princípios são complementares e não antagônicos. Dessa forma, nada existe no universo que seja puramente Yin ou puramente Yang, pois estes dois aspectos estão em movimento e transformação. O Yin é o princípio negativo – noite, escuridão, polaridade negativa, baixo, feminino, receptivo, lua, quietude, lentidão, repouso, inverno – e o Yang o positivo – dia, claridade, polaridade positiva, alto, o masculino, o expansivo, o sol, a agitação, a rapidez, movimento e verão.



O movimento dos opostos dá origem aos quatro elementos essenciais na cosmogênese chinesa: Grande Yang (fogo, verão), Grande Yin (água, inverno), Pequeno Yin (metal, outono) e Pequeno Yang (madeira, primavera). Esses quatro elementos ou bigramas desdobram-se nos oito trigramas – Ba gua – que são elementos de ação: Céu, Terra, Trovão, Fogo, Lago, Vento, Água e Montanha. Estes elementos influem sobre o homem, que é a ponte entre o Céu e a Terra.

Podemos correlacionar estes três princípios fundamentais – Céu-Homem-Terra – com o esquema platônico da composição dos seres:

Espírito (Céu) Tien, se relaciona ao Nous.

Mente e emoções (Homem) Ren, se relaciona a Psiquê.

Físico e energético (Terra) Ti, se relaciona ao Soma.

Deste ponto de vista, observa-se que o grande desafio do homem é compreender o princípio e a essência do Céu e da Terra, para vir a se tornar uma ponte entre ambos.

“O I Ching contém a medida do Céu e da Terra; por isso é possível abarcar e estruturar com ele o sentido do Céu e da Terra. Ao contemplar com sua ajuda, inteligentemente, dirigindo o olhar para cima, os signos do Céu, e dirigindo o olhar para baixo, os delineamentos da Terra, se reconhecem as relações do obscuro e do claro.”

(I Ching)

O Tao é o caminho que os céus ordenam. Este é o caminho natural, o qual seguem o Sol e a Lua pelo firmamento. É a senda natural, a qual chamamos de Tao e que todos os seres seguem: *“A Divindade se manifesta no signo do Incitar (Chên-Trovão); faz com que todas as coisas se completem no signo da Suavidade (Sun-Vento); leva as criaturas a se perceberem no signo de Aderir (Li-fogo); faz com que elas se ajudem no signo do Receptivo (Kun-Terra). Infunde-lhes contentamento no signo da Alegria (Tui-Lago); luta no signo do Criativo (Chien-Céu), se esforça no signo do Abismal (Kan-Água), e conduz à plenitude no signo da Quietude (Ken-Montanha).”* I Ching.



Observamos, em um Templo Maçônico, um tipo de correlação, haja vista que nele há um amplo simbolismo relacionado a dualidade. O iniciado que trabalha em sua oficina desvenda os signos do céu e procura aplicar ou traçar

seus desígnios por sobre a terra ou mundo manifestado. As duas colunas se opõem no contexto da harmonização do Templo, pois J e B são os opostos que o sustentam. O objetivo é transcender os opostos e buscar a união entre eles, em um tipo de retorno a origem onde está a infinitude.

Todas as tradições nos falam do caminho da realização. Isso leva ao conhecimento pleno da natureza e seus ritmos, suas Leis, e a identificação com a essência. Toda e qualquer evolução acontece através dos ciclos, e em cada ciclo se representa todo o processo numa escala menor – horas, dias, anos. O processo de autoconhecimento e de nosso potencial luminoso leva ao combate às sombras que nos afastam de nós mesmos. A felicidade é então um tipo de reencontro, pois a alma possui natureza espiritual e já existiu com a divindade, ou não teria o anseio de novamente contemplá-la.

Os oito trigramas, ou elementos de ação, se combinam em 64 hexagramas, que são a emanção ideográfica das ideais formativas iniciais. Os hexagramas são a cristalização da forma primordial, ou um tipo de emanção que parte do mundo ideal, onde todas as possibilidades existem em potencial. A mente serena poderá consultar este mundo ideal para dele obter elementos de orientação. As emanções não são absolutas e podem indicar um elemento de mutabilidade nas perspectivas futuras.

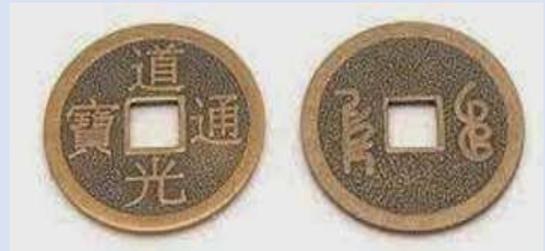
Como age no mundo ideal, captando elementos formativos, o I Ching é um conselheiro e mestre oportuno e nos fornece sabias palavras que se integram ao contexto do estágio consciencial de cada um. E dada a sua objetividade de operação, pode ser manipulado diariamente após um ciclo de meditação.



Existem diversas formas de consultar o I Ching. Uma das mais simples consiste em utilizar três moedas. Inicialmente atribui-se o valor 2, para um dos lados da moeda, que será Yin, e 3 para o outro, o qual será Yang. Atira-se a moeda por seis vezes para se construir o hexagrama, sendo que a ordem de construção é ascendente (de baixo para cima).

Os possíveis valores que se pode conseguir são os que seguem:

- 3 + 3 + 3 = 9 → Yang móvel —□—
- 2 + 2 + 2 = 6 → Yin móvel —x—
- 3 + 2 + 2 = 7 → Yang — — —
- 2 + 3 + 3 = 8 → Yin — — —



Caso ocorram linhas móveis, poderá haver desdobramentos importantes, e o hexagrama formado se mutará em um novo, valendo a pena verificar o hexagrama resultante de tal mutação. Para o significado dos hexagramas, existe vasta bibliografia que poderá ser consultada, sugerimos algumas, dos seguintes autores: Richard Wilhelm, Wu Jyh Cherng, John Blofeld e Alfred Huang.

Segue a tabela com os 64 hexagramas que podem ser obtidos em uma consulta:

Trigrama superior → inferior ↓	 <i>qián</i> Céu	 <i>zhèn</i> Trovão	 <i>kǎn</i> Água	 <i>gèn</i> Montanha	 <i>kūn</i> Terra	 <i>xùn</i> Vento	 <i>lí</i> Fogo	 <i>duì</i> Lago
 <i>qián</i> Céu	 1	 34	 5	 26	 11	 09	 14	 43
 <i>zhèn</i> Trovão	 25	 51	 3	 27	 24	 42	 21	 17
 <i>kǎn</i> Água	 6	 40	 29	 4	 7	 59	 64	 47
 <i>gèn</i> Montanha	 33	 62	 39	 52	 15	 53	 56	 31
 <i>kūn</i> Terra	 12	 16	 8	 23	 2	 20	 35	 45
 <i>xùn</i> Vento	 44	 32	 48	 18	 46	 57	 50	 28
 <i>lí</i> Fogo	 13	 55	 63	 22	 36	 37	 30	 49
 <i>duì</i> Lago	 10	 54	 60	 41	 19	 61	 38	 58

AS VIAGENS DO MESTRE SECRETO

por: Richard Dylan Silva

Para melhor compreender a elevação ao grau de mestre secreto é necessário considerar os graus como uma história em continuidade, no grau de aprendiz o neófito é apresentado a Loja Simbólica como um candidato a integrar o quadro de obreiros na construção do Templo de Salomão, bruto e ignorante dos mistérios iniciáticos, este busca a auto lapidação moral e espiritual evoluindo até sua passagem a companheiro maçom, no grau de companheiro aprofunda seu



conhecimento ainda mais no oculto e na dualidade, provação árdua que desestabiliza mental e emocionalmente aqueles a quem a maçonaria ainda não penetrou em seu íntimo, por fim, os que perseveram alcançam a grandeza do grau de mestre maçom, onde o terrível assassinato do Mestre Hiram Abiff é executado pelas mãos de três

companheiros e é justamente neste contexto que ocorre o próximo capítulo de mestre secreto.

“Com a morte do grande arquiteto do Templo, Salomão formou uma assembleia para presidir o luto e os arranjos de continuação das obras, e só depois buscou justiça pelo assassinato, a esta assembleia determinou o nome de assembleia dos Mestres Secretos, tendo como inspetor geral Hiram, Rei de Tiro”.

A CERIMÔNIA DE ELEVAÇÃO AO GRAU DE MESTRE SECRETO

A cerimônia de elevação ao Grau de Mestre Secreto, busca através da ritualística, o despertar das memórias akashikas do candidato, isto é, de lembranças só acessíveis através da centelha divina que nele habita, pois vislumbram tempos primordiais da criação da vida material e etérea, da revelação do grande mistério da arca da aliança e as chaves místicas que possibilitam seu sagrado acesso. Envolto a dois laços de uma corda vermelha o candidato viaja portando uma luz, representada por uma vela acesa, após o interrogatório, segue as viagens ritualísticas.

CAPÍTULO 1:

A 1ª VIAGEM: YOD-HÊ-VAV-HÊ E O QUATERNÁRIO

“O candidato, introduzido no Santuário, viaja pelo Universo, tomado por uma base quaternária referente a manifestação da vida(...)”

A primeira viagem apresenta quatro divindades gregas, seus arquétipos e uma importante mensagem teológica para cada uma delas. Num primeiro momento o candidato poderia se sentir confuso, afinal o ar de mitologia grega, permeia e se encerra com as mensagens de alerta: “não cultuar imagens, metais, astros ou fantasmas da imaginação”, ocorro que logo nesse primeiro momento, a ritualística nos induz a interagir com os 4 elementos formadores do Universo Manifestado e ao mesmo tempo, dá pistas sobre todo o trajeto que a ciência mística percorreu desde a formação das primeiras crenças até o que realmente deveria ser priorizado, que seja a lapidação espiritual e a introspecção em busca do Deus Intimo, vejamos:

HÉRCULES-YOD- 1:

Herácles (grego) ou Hércules (romano) é um herói, filho de uma humana Alcmena e de Zeus, o maior dos deuses, tornando este um semideus. A história conta que depois de enfeitiçado por Hera (Deusa esposa de Zeus)



em um surto, assassinou toda sua família, vendo nestes, inimigos de guerra, para se redimir e espisar sua culpa, ele buscou no oráculo de delfos, orientações com o deus Apollo, que lhe sugeriu procurar o Rei Euristeu, iniciando assim o mito dos 12 trabalhos de Hércules. A morte material do herói ocorreu em virtude do suicídio de sua amada Dejanira, onde ele preso por si numa fogueira, queimou a carne humana, mas seu espírito ascendeu ao Monte Olimpo, em virtude de sua genética de semideus. Yod (10 ך) é a menor e uma das mais importantes letras do alfabeto hebraico, esta representa o núcleo divino íntimo em cada ser, em sua numerologia o 1 simboliza a Unidade, início de tudo e o 0, o universo imanifesto que se encontrava D'us. Na forma do nome Yude, que significa “bravo, corajoso, superior e homem forte”, podemos ver clara referência ao semideus Hércules, ambos são sinônimos de poder e força criativa, que pela ótica cosmológica se traduz na movimentação de D'us para sair do plano imanifesto ao manifestado.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

“Porém jamais façais imagens na pedra, das coisas que estão no céu, para adorá-las”

Segundo o princípio bíblico (e hermético) “assim na terra como céu”, durante toda a história da humanidade, desde os neandertais, egípcios, aos alquimistas da idade média, etc., sempre houve a necessidade de crença em um ser e aspectos superiores para interpretar fenômenos terrestres, projetando aquilo em pedra, seja para melhor visualização ou registro para as próximas gerações, contudo, o caminho iniciático esclarece que o emprego da vontade (fé e energia) deve ser íntimo, que aqueles atributos criados para explicar arquétipos de força e virilidade na criação do Universo em Yod, devem antes ser sentidos e interpretados no microcosmo (íntimo), em síntese, o emprego de nossa vontade deve transcender o profano.

VÊNUS-HÊ- ה:

Vênus (Romano) ou Afrodite (Grego) é a deusa do amor e da beleza, nascida da espuma-esperma de Cronos-Saturno, foi obrigada a casar com Vulcano, embora mantivesse muitas relações extraconjugais com outros deuses e humanos. Hê (05 ה) simboliza a capacidade de auto-expressão pelo pensamento, palavra e ação, onde teve sua provável origem em hieróglifos que se assemelham a uma peneira, ligando a letra ao entendimento de receptáculo ou uma energia passiva depositória, somando ao entendimento de Yod(10)-Hê(05), temos o Universo em seu germe de criação pelo logus (pensamento divino) através de Y, agora ganhando forma através de uma vibração menos sutil pelo verbo (som divino), é o que os teosofistas traduzem pela transformação de Adão Kadmon (hermafrodita de corpo exclusivamente etéreo) para o surgimento do Adão Material e Eva.

“Porém não façais seus deuses em metal e quando olhar para o céu, não prestais devoção ao Sol, a Lua e aos astros, como outrora se fazia”

Continuando a caminhada de evolução da humanidade, este alerta faz um lembrete aos grandes astrólogos e alquimistas medievais (que dedicaram sua vida ao estudo da transmutação dos metais, com uso de simbologia astrológica, estes se dividiam entre os que atuavam exotericamente com experimentos químicos e físicos e outros

que atuavam esotericamente, através da meditação e estudo de que aqueles metais eram símbolos de uma evolução espiritual que deveria ocorrer dentro de si.

APOLO-VAV- ו:



Apolo (grego) ou Febo (romano) era filho de Zeus e da titânide Leto, deus do Sol, da música, das artes, da medicina, profecia e mensageiro da luz, pois toda as manhãs este

iluminava a Terra através de sua grande carruagem trazendo o próprio Sol. Um dos grandes feitos de Apolo foi ter derrotado a serpente-dragão Piton com seu arco mágico, batalha que consagrou a região de Delfos, surgindo um dos oráculos proféticos mais importantes da Grécia, a sacerdotisa Pitíia. Vav (06 ו) simboliza o poder de conectar e correlacionar todos os elementos dentro da criação, assim como na numerologia o 06 representa a harmonia, equilíbrio, justiça e honestidade, somando ao entendimento de Yod(10)-Hê(05)-Vav(06), temos a primeira perfeita trindade da manifestação cósmica, o Logus/Pensamento (Yod) do criador, canalizou e expandiu em vibrações muito sutis, com a recepção do Verbo/Som (Hê), essa vibração se tornou mais condensada, criando os planos mais pesados e a tudo isso veio a harmonia (Vav) criando equilíbrio e conexão entre os planos sutis e materiais.

“Quanto mais sábio o maçom é, maior o seu dever de aprender para saber e saber para ensinar”

Seguindo nossa jornada de evolução da ciência profana e oculta, vemos que o homem desenvolveu a capacidade de conhecer a verdade em seus diversos planos de compressão, seja do exotérico (contexto histórico e científico) seja pela esotérica em sua leitura arquetípica e simbólica, mas toda essa sabedoria é inútil se este não souber como emprega-la através da caridade e humildade, de nada vale um arrogante detentor do conhecimento.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

ATENAS-HÊ- ה:

Atenas (grega) ou Minerva (romana) “filha” de Zeus, já que está veio surgir da cabeça do deus grego, na representação romana, ocorreu quando Júpiter, sentindo muita dor de cabeça, após engolir Métis, a prudência, pediu para Vulcano retirar com



um machado que partiu seu crânio, nascendo assim Minerva, a deusa da sabedoria, das artes e da guerra. O Hê (05) conclui a trindade sendo uma expressão de polaridade passiva, desempenha aqui um papel cíclico, é o ouroboros teosófico, serpente que morde da própria cauda dando início a força gravitacional que entenderemos como “reencarnação”, enquanto em Yod(10)-Hê(05)-Vav(06) a criação material já estava quase completa, pois existia os planos superiores, inferiores e a matéria se harmonizava em vida, apenas aqui, com a inclusão do espírito cognoscível (a consciência – Atenas) a criação se tornava plenamente perfeita. YHVH (יהוה) estava formado e Adão e Eva? Expulsos do paraíso edênico.

“Não dar o nome do G.A.D.U. aos fantasmas criados pela mente”

O último dos alertas traz a missão mais difícil ao teólogo maçônico, pois como não atribuir erroneamente aquilo que não é cognoscível? O próprio conceito de “invocação” significa trazer para dentro determinada expressão, algo que pode ocorrer com a fala ou mesmo o pensamento, entendemos que nesta primeira viagem foram apresentados os deuses greco-romanos e que a estes devemos apenas conhecer os arquétipos e não idolatra-los como o verdadeiro Deus Criador, contudo tudo que é cognoscível não representa o Criador, pois ao pensarmos estaríamos o limitando, e este está muito além de nossa compreensão, sendo incognoscível como nos ensina a Cabala, onde Dion Fortune nos dá uma pequena dica de como adorar a Deus, ainda que não o compreendendo:

X – Cognoscível XZ – Equilíbrio Z – Incognoscível

Sendo que o profundo e estudo e contemplação dos meus de conhecimento já dispostos, serão a ponte que leva ao elo onde o incognoscível cada vez se faz mais presente, e no aprofundar de suas ínfimas verdades, um dia certamente chegaremos mais próximo do G.A.D.U. ainda não nesta vida ou neste plano.

REFERÊNCIAS

- **RITUAL DO GRAU 04** – Mestre Secreto, SCAB.
- **A CABALÁ MÍSTICA**, Dion Fortune.
- **O CAIBALION**, Os Três Iniciados
- **DO MESTRE SECRETO E SEUS MISTÉRIOS**, Jorge Adoum.
- **RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO** – 1º ao Grau 33º, Rizzardo da Camino.



Globalmaq
EQUIPAMENTOS

PREBOSTE E JUIZ: ONDE A JUSTIÇA ESTÁ ENTRE COLUNAS

Por: Adelino Lourenço Neto

O Capítulo de Perfeição vem nos ensinar um conjunto de virtudes que devemos desenvolver ao longo da nossa jornada Maçônica, nos permitindo ampliar nossa cultura maçônica e nossa percepção simbólica, moral e ética a qual iremos aplicar em nossas vidas. É por meio desses estudos que refletimos e passamos a elaborar conceitos e evoluir, nos ajudando em nossa construção como verdadeiros homens livres, disciplinados e cumpridores de nossos deveres como cidadãos e verdadeiros Maçons.



Figura 1: Paramentos do grau trazendo a chave dourada da caixa de ébano, onde eram guardados os registros apreciados pela corte e o avental que possui a balança, nos remetendo à justiça.

Nesta jornada pelos graus do Corpo de Perfeição, nos deparamos com o Grau Sete, onde os constantes atrasos na obra do Templo acabam gerando conflitos entre os trabalhadores, causados principalmente pela ausência da liderança carismática do falecido Hiram Abiff, tendo Salomão que criar artifícios para solucionar esse problema. Este grau nos ensina a julgar com paciência e imparcialidade, pois a justiça imparcial protege a pessoa, a propriedade, a felicidade e a reputação. Este grau também nos mostra os caminhos da justiça, que é alcançado pelo equilíbrio entre o direito e o dever.

Somos informados de que o rei Salomão achou necessário nomear sete juízes para formar uma corte que se reunia na Câmara do Meio do Templo para realizar as conciliações e julgamentos quando necessários, para que a justiça pudesse ser administrada entre seus trabalhadores, dando-lhes a oportunidade de terem suas queixas ouvidas e suas disputas resolvidas. Todos os registros eram arquivados e trancados à chave em uma caixa de ébano.

Como podemos observar, a justiça harmoniza as pretensões e interesses conflitantes na vida social de uma comunidade. Salomão, ao propor essa corte, conseguiu trazer essa harmonia e equilíbrio novamente.

Este grau vem nos ensinar que a justiça deve ser igual a todos, sendo imparcial e equânime, independente de raça, credo, gênero, idade, entre outros motivos.

Um dos belos exemplos de justiça, é a passagem bíblica encontrada no Primeiro Livro dos Reis, no Antigo Testamento, onde, segundo a narrativa, duas mulheres vieram

até Salomão pedindo a solução de um problema. Ambas alegavam ser a mãe de um bebê e, como não havia testemunhas ou evidências claras para resolver o impasse, Salomão teve que tomar uma decisão difícil: cortar o bebê ao meio e deixar cada parte com uma mulher. O que parece ser uma solução absurda por parte de Salomão, revela a verdadeira mãe que se mostra disposta a abrir mão do bebê para salvá-lo. Salomão usa da sua sabedoria para compreender as emoções das mulheres envolvidas e, assim, chegar a uma solução justa e perfeita.



Figura 2: Sabedoria de Salomão, obra de Julius Schnorr von Carolsfeld, século XIX.

Platão, em sua obra A República, explanou sobre as qualidades que uma cidade organizada e forte deveria possuir e citou quatro virtudes, dentre elas estava a Justiça (as outras são Prudência, Fortaleza e Temperança) e que mais tarde ficaram conhecidas como as Virtudes Cardeais.

A Virtude Cardeal da Justiça nos remete ao arcano do Tarot VIII, um arquétipo que nos convida a refletir sobre os acontecimentos ao nosso redor, sendo imparcial, lógico, ponderado e reflexivo.



Figura 3: Arcano da Justiça, símbolo da imparcialidade e da harmonia, ela nos convida a refletirmos qual nossa responsabilidade sobre os acontecimentos ao nosso redor e como devemos agir diante delas.

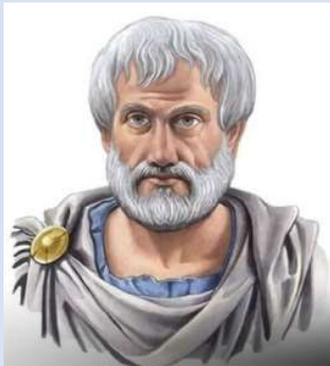
Observamos no Arcano uma mulher (em seu aspecto passivo e reflexivo) sentada e ereta, denotando muita paciência e precaução. A mão esquerda segura uma balança, na altura do coração, com os pratos em equilíbrio (símbolo de justiça e equilíbrio da ordem social e de seus sentimentos, denotando a imparcialidade) e, na mão direita, uma espada desembainhada com a ponta virada para cima (símbolo de decisão, palavra e poder) sendo a representação da ponderação antes de uma resolução, o julgamento dos fatos. Observamos também que ela se encontra entre colunas, sobre um piso xadrez (a dualidade) e em seu ombro esquerdo repousa uma coruja (símbolo da sabedoria).

Portanto, sua ideia está diretamente ligada ao fato de que nossas escolhas têm impacto e consequências significativas em nossas vidas e nas vidas daqueles ao nosso redor, principalmente onde essas decisões resultem em dor e ressentimento para os outros. Isso implica que, em

determinados momentos, podemos enfrentar julgamento e necessitar amadurecer para lidar com as situações de forma adequada.

Assumir responsabilidade por nossas escolhas, reconhecer os danos causados e buscar reparação, quando possível, é uma maneira de enfrentar as consequências. Também é importante aprender com essas experiências, para que possamos fazer escolhas mais conscientes e compassivas no futuro, buscando o equilíbrio que a balança nos remete.

Esse equilíbrio enfatizado pela carta da Justiça, nos remete a Aristóteles, filósofo grego, que já ressaltava para importância de buscar o equilíbrio nas atitudes, comportamentos e decisões,



a fim de que o ser humano, através da harmonização dos opostos, pudesse seguir um caminho intermediário entre dois extremos: o excesso e a falta. Essa ideia é expressa de forma concisa na máxima delfica do "Nada em excesso", proclamada no templo de Apolo, como um dos seus 147 aforismos. Ao praticar suas virtudes, o homem é capaz de alcançar a justiça e o equilíbrio tão almejados.

O justo-meio, portanto, encontra-se entre dois vícios, um por abuso e outro por falta. O justo-meio apresenta a terceira via para que, os homens possam alcançar tais objetivos sem adentrar no exagero ou na própria falta. Aristóteles é muito enfático em dizer que a virtude sempre irá encontrar e escolher o justo-meio, não apenas por ser uma terceira via, mas simplesmente porque ela é de fato, a via mais confiável para tal.

Nesse direcionamento Aristotélico, os excessos, vícios e a ausência de uma atitude adequada, implicarão no cometimento de erros e injustiças, consolidando defeitos de caráter e de formação. Assim, o homem deve perceber que, muito mais importante que bradar aos quatro cantos suas virtudes, é pelo seu comportamento e suas ações que ele poderá desenvolver suas Virtudes, pois não adianta falar se não se praticar o que se fala.

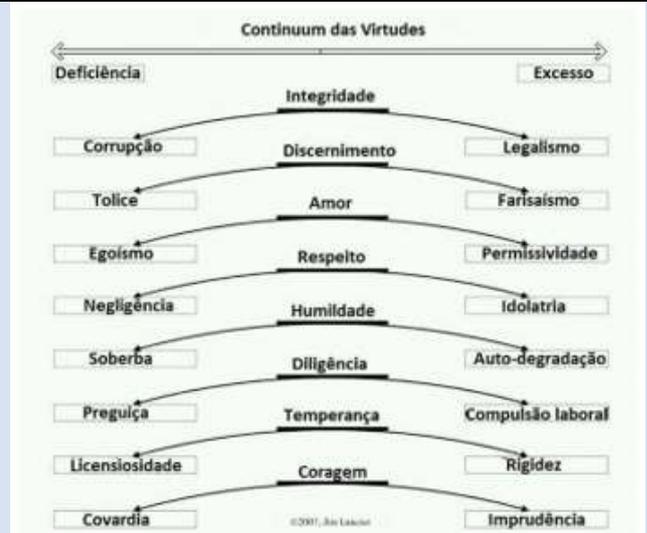


Figura 4: A Teoria do justo-meio de Aristóteles, pressupõe o homem na busca da felicidade da polis através da virtude, onde o homem atinge o caminho do meio, evitando justamente os vícios, sejam eles por falta ou por excesso. Este caminho do meio nos remete justamente ao nosso estar entre colunas, nos mantendo nesse equilíbrio constante em nossa caminhada Maçônica.

É justamente esse comportamento ideal, que nós Maçons poderíamos chamar de caminhar entre colunas, nos leva a evitar agir por paixões e impulsos, pois esses atos resultarão, na grande maioria das vezes, consequências desastrosas, que podem resultar em sofrimento e reprovação social.

Portanto, este justo equilíbrio Aristotélico vem reforçar nosso compromisso da justiça com equidade, tratando os direitos das pessoas, respeitando as suas especificidades e suas diferentes necessidades. É somente dessa forma que geramos oportunidades semelhantes, sabendo ouvir o outro, independente da amizade ou afinidade que se tenha para que cheguemos a agir de forma justa, íntegra e perfeita.

A justiça deve ser o guia de todas as nossas ações, pois devemos lembrar que a pessoa que julga diz mais sobre si mesma do que pretende dizer sobre o outro. Por isso, sejamos aquilo que nossas ações demonstram e não o que nossas palavras ressoam.

MEU NOME HISTÓRICO: WINSTON CHURCHILL

Por: Fábio Carlos de Oliveira Mazzo

SIR WINSTON LEONARD SPENCER CHURCHILL –
(1874 – 1965)

Foi um político conservador e estadista britânico, famoso principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi primeiro-ministro britânico por duas vezes (1940-45 e 1951-55). Orador e estadista notável, ele também foi oficial no Exército Britânico, historiador, escritor e artista. Ele é o único primeiro-ministro britânico a ter recebido o Prêmio Nobel de Literatura e a cidadania honorária dos Estados Unidos.

Churchill nasceu no Palácio de Blenheim em Oxfordshire Inglaterra, da família aristocrática do Duque de Marlborough, ramo da família Spencer em 30 de novembro de 1874.

Dos dois aos seis anos de idade viveu em Dublin aonde seu avô havia sido indicado como Vice-Rei da Irlanda e empregando seu pai como secretário pessoal. Especulase que Winston pode ter desenvolvido sua fascinação por assuntos militares a partir de sua convivência e observação de paradas militares passando pelo Áras an Uachtaráin (então Pavilhão do Vice-Rei).

A vida profana de Winston Churchill é por demais conhecida. Vamos falar um pouco sobre sua vida maçônica.

Winston Churchill foi Iniciado na Maçonaria Inglesa, em 24 de maio de 1901, na “UNITED STUDHOLM LODGEN nº 1591”. Elevado ao Grau de Companheiro dois meses depois e Exaltado ao Grau de Mestre, em 25 de março de 1902, na “ROSEMARY LODGE nº 2851”, de Londres.

Um fato maçônico curioso na vida desse Irmão é citado pelo saudoso Irmão Francisco Assis de Carvalho (Xico Trolha), na edição A MAÇONARIA Usos & Costumes, vol. 1, Cadernos de Estudos Maçônicos da Editora Maçônica “A TROLHA” Ltda. – outubro de 1994.

“Um turista inglês, de tradicional e abastada família, foi passar suas férias de verão na Escócia e resolveu praticar natação no lago Lockfield. Quando estava se banhando, foi atacado por câimbras em ambas as pernas, o que o obrigou a gritar por socorro.

Um jovem camponês que casualmente trabalhava nas proximidades, ouvindo os gritos de socorro, correu rapidamente, conseguindo tirar o turista já desmaiado, do referido lago, fazendo imediatamente tentativas de ressuscitamento, que

foram coroadas de êxito. Tempos depois, o turista voltou àquela aldeia procurando por seu salvador, a quem perguntou, afinal, quais eram seus desejos e seu programa de vida para o futuro. O jovem camponês confessou que não tinha recursos, mas que seu desejo era estudar medicina.

Os familiares do turista ampararam o jovem camponês e custearam seus estudos, vindo ele a formar-se em medicina e a ser nomeado professor da Faculdade de Medicina de Londres, por seus próprios méritos, por sua alta capacidade e inteligência. Além da Lente da Faculdade de Medicina, dedicou-se com empenho e vigor na área da pesquisa médico-científica.”

O turista inglês era Winston Churchill, e seu salvador, o jovem camponês, mais tarde médico, professor e cientista famoso, era Alexander Fleming, o descobridor da penicilina e detentor do Prêmio Nobel em medicina.

Mas a mais interessante de todas as coincidências é que o Irmão Alexander Fleming salvou o Irmão Winston Churchill por duas vezes. A primeira relatada acima e a segunda, quando Winston Churchill já era Primeiro-Ministro inglês e ficou gravemente enfermo, às vésperas de participar da Conferência de Yalta. Sua saúde foi então plenamente recuperada graças ao uso da penicilina, descoberta por Fleming, podendo assim comparecer à citada Conferência.

Como se verifica, o destino uniu curiosamente a vida de dois grandes Irmãos da Maçonaria Inglesa”.

Assim finalizo meu trabalho com duas frases deste distinto irmão

“Nada tenho a oferecer, senão sangue, labor, lágrimas e suor”.

Primeiro discurso na Câmara dos Comuns

Todas as grandes coisas são simples. E muitas podem ser expressas numa só palavra:

LIBERDADE;

JUSTIÇA;

HONRA;

DEVER;

PIEIDADE;

ESPERANÇA.



SOBRE O SILÊNCIO: UMA PROPEDÊUTICA MAÇÔNICA

por: Adelino Lourenço Neto

A comunicação é hoje cada vez mais indispensável para integração dos indivíduos em sociedade, pois sem comunicação a vida perde o sentido. É por meio dela que ensinamos e aprendemos, fazendo conhecer e ser conhecido, sendo frequentemente, o falar pouco ou não falar, vistos e interpretados de forma errada, dado que a eloquência e a oratória são consideradas um dom para poucos. Diante da cacofonia de rugidos e zumbidos na sociedade onde estamos imersos, muita das vezes o ser humano não reconhece a importância e o real sentido do silêncio.

Em diversas tradições, o silêncio tem seu significado e importância em praticamente todas as escolas esotéricas, iniciáticas e espirituais ao redor do mundo. A escola Pitagórica, por exemplo, destinava ao aspirante um voto de silêncio de três anos, no qual adentrava posteriormente a um círculo mais externo, os ouvintes. Ordens Beneditinas praticam o silêncio como uma regra básica. Sócrates, colocava a eloquência como uma forma de exaltar falsamente o que é pequeno e diminuir o que é grande. Para os hinduístas, budistas e jainistas, o *mauna* (silêncio) é compreender que algo está além do alcance de palavras e da mente. Ghandi ensinava que o silêncio faz parte da disciplina espiritual de um seguidor da verdade. No panteão Grego e Romano temos Harpócrates, Angerona e Tácita, deuses relacionados ao silêncio e ao sigilo. No mitraísmo, o grau de corvo era dedicado a servir o banquete ritualístico, limitando-se sempre ao silêncio. Ao corvo também ligamos ao estágio alquímico do *Nigredo*, onde o estudante silencia para ir ao encontro de si. Lembrando também que a construção do Templo de Salomão,



Figura 1: A figura do silêncio guardando o Altar e velando os segredos da Maçonaria. Imagem do Calendário maçônico, publicado em Londres, 1775.

conforme *1 Reis 6:7*, os blocos que eram talhados na pedra, não se ouviam o barulho do malho, nem o do cinzel e tampouco nenhuma ferramenta de ferro. Foi sobre o silêncio que uma grande e sagrada obra foi erigida.

A Tradição Maçônica preconiza que o Aprendiz Maçom se abstenha de falar enquanto a Loja estiver em trabalhos, podendo tomar a palavra senão a convite do Venerável. É preciso ressaltar que se “abster” não quer dizer que sua voz não possa ser ouvida. O se abster é um ensinamento que se deve levar para toda vida, pois antes de nos posicionar com nossa voz, precisamos ouvir primeiramente.

Ao fazer isso, o Aprendiz compreende a primeira lição que é guardar silêncio sobre tudo o que se passa no interior de nossos Templos Maçônicos (como também consta no Landmark de Mackey Nº 23). Tudo que é recebido sob o véu da iniciação deve ser preservado no mais absoluto sigilo. Apenas os ensinamentos devem se manifestar publicamente e de forma positiva, através de sua conduta em nossa sociedade e em nossos lares.

Ao calar-se, o Aprendiz compreende a segunda lição:



Figura 3: Abracadabra. O poder de criar enquanto fala. São com as palavras que podemos ferir ou curar, inspirar ou abater, criar ou destruir.



Figura 2: Corvo como símbolo alquímico da introspecção e do silêncio como forma de encontro a uma experiência interior de autoconhecimento.

desenvolver a capacidade de ouvir, só que para que ele possa saber ouvir, é necessário se conhecer, ter silêncio interior para refletir e avaliar seus comportamentos e atitudes para que assim, possa assimilar a Propedêutica Maçônica e iniciar seu processo de

lapidação e compreensão simbólica. Como diz a sabedoria zen, o conhecimento é como uma xícara de chá: É preciso esvaziá-la para que possamos derramar mais chá sobre a xícara.

Outra razão para cultivar o silêncio tem relação com a sacralidade da palavra. Pronunciar uma palavra é evocar um pensamento e torná-lo presente: o poder do som da palavra é o início de todas as manifestações. Pronunciar um Nome não é apenas defini-lo, mas é também a capacidade de demonstrar a potência que aquele nome possui para o seu meio, trazendo bênçãos ou maldições.

Mas, o que necessariamente o silêncio pode fazer por nós?

A disciplina do silêncio é um instrumento poderoso, visto que nos faz internalizar, reconhecendo nossa própria ignorância, nossos preconceitos e erros no qual nossa Pedra Bruta precisa lapidar. Ao falarmos demais, pensamos pouco; aprendemos menos ainda.

Lembrando que o silêncio não significa não ter ideias ou nada saber, significa sim, aprender, ter humildade, respeito, atenção, subordinação, exaltação e reflexão para se chegar ao mais puro aprendizado.

Só alcança a real Iniciação quem é capaz de calar e ouvir. E não é apenas referente ao silêncio da palavra, mas também ao silêncio do coração, que nos permite equacionar as paixões e os devaneios de nossa mente. É na contemplação

silenciosa que avançamos rumo à sabedoria. É por meio do silêncio que as ideias tomam forma e amadurecem, nossa mente se ilumina e a Simbologia Maçônica é tocada na alma de cada Maçom para seu efetivo progresso.



Figura 4: Letras Hebraicas Peh e Ayin. Peh significa boca e representa o ato de falar, se expressar e vocalizar. A letra Ayin significa olho e vem antes da letra Peh, nos mostrando que devemos primeiro observar para depois nos pronunciarmos a respeito.



Figura 5: Brasão da GLUI com o lema latino Audi, Vide, Tace (ouve, vê e cala). O lema é um grande chamamento aos Maçons para compreensão da essência do tripé Maçônico na preservação e aprendizado da propedêutica Maçônica.



**JC BECKMAN
ENGENHARIA**

 (91) 98124-5251

 JCBECKMANENGENHARIA@GMAIL.COM

PROGRESSO X TRADIÇÃO

Por: Luciano de Barros Paes

O assunto é espinhoso e pode certamente trazer algum desconforto, mas rogo que esse desconforto sirva para se busque mais informações sobre a temática aqui exposta. E não causar repulsa ou qualquer outro sentimento que impeça o debate ou a reflexão.

Tenho percebido com uma certa constância, muitas pessoas se referirem a si próprios como progressistas, e em nossa sublime ordem o termo “progressista” também se faz presente, o que me causa um certo conflito interno. Como pode uma pessoa ou instituição dizer uma coisa, e seu comportamento demonstrar algo diametralmente oposto?

A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica e progressista. Mas afinal o que significa ser progressista?

Na quarta edição do dicionário brasileiro da língua portuguesa, da enciclopédia britânica de 1980, progressista é um adjetivo masculino e feminino, que diz respeito ao progresso, que é favorável ao progresso e é partidário dele...

Segundo Noberto Babbio, um filósofo e político italiano nascido em Turim em 1909, “o progresso pode ser definido como uma ideia de que o curso das coisas, especialmente da civilização, conta com um gradual crescimento de bem-estar ou de felicidade”. Como podemos ver o termo guarda grande proximidade com a filosofia e a política. Mas qual a origem política e filosófica do termo progressismo?

Para entender um pouco melhor o contexto filosófico e político deste termo temos que retroceder a 1798, em Montpellier na França, nascia Isidore Auguste Marie François Xavier Comte. Um filósofo francês que ficou conhecido por ter sido o primeiro a sintetizar a necessidade de uma ciência da sociedade (socialismo) e por ter fundamentado, pela primeira vez, a teoria positivista.

Em 1817, retornou a escola Politécnica em Paris, mas foi expulso por liderar manifestações dentro da instituição. Comte passou a escrever para jornais até que começou a



trabalhar para Saint Simon, filósofo francês progressista que se autoproclamava um socialista que o introduziu no círculo intelectual francês de sua época e influenciou-o em muitos aspectos, o principal deles é o entendimento de que haveria uma marcha progressiva constante na história da humanidade, ou seja, que a humanidade sempre caminharia para o desenvolvimento.

Em 1847, Comte havia rompido com Saint Simon devido a incompatibilidade de ideias. Nesse mesmo período fundou o que ele chamou de Religião da Humanidade, ou Religião Positivista, colocando o homem e o desenvolvimento do estágio positivo da humanidade no lugar da ideia comum de Deus.



No século XX, passado todo o período do iluminismo, o progressismo passa a utilizar como bandeiras os direitos humanos e direitos sociais. Com isso podemos então concluir que o progressismo é uma corrente política que baseia seus pensamentos na ideia de evolução, porém a ideia do que é evoluir se altera ao longo dos anos. Ou seja, o que umas pessoas entendem por progresso, para outras sinaliza um retrocesso. Existe também uma lógica tradicional do que é progresso para a política: nesta lógica é definido que o progressismo é uma oposição ao conservadorismo.

O pensamento conservador é aquele que preza pela manutenção dos valores tradicionais, das estruturas sociais. O Progressismo é o oposto. Enquanto o progressismo está ligado as grandes transformações da sociedade e das revoluções, o conservadorismo se apresenta como defensor da estabilidade. De posse desse conhecimento, vamos analisar novamente um pedaço do texto da nossa constituição? Será que ela é conservadora ou progressista? Estamos mais para revolucionários ou reformistas?

Perceberam que progressista é o oposto de tradicionalista? Como podemos ter antigos deveres, usos e costumes em um pensamento revolucionário? Como podemos afirmar a existência de um Deus Criador se o criador do conceito de progressismo determina em sua base a crença no cientificismo no lugar da ideia comum de Deus?



MAÇONS QUE LEEM E MAÇONS QUE NÃO LEEM

Por: Albert Gallatin Mackey
Traduzido por: Antonio Jorge



Suponho que há homens de qualquer classe a quem se pode imputar a ignorância da sua própria profissão. Não existe um relojoeiro que não saiba alguma coisa sobre os elementos da relojoaria, nem um ferreiro que não conheça as propriedades do ferro em brasa. Subindo para os níveis mais elevados

da ciência, ficaríamos muito espantados se encontrássemos um advogado que ignorasse os elementos da jurisprudência, ou um médico que nunca tivesse lido um tratado de patologia, ou um clérigo que não soubesse nada de teologia. No entanto, nada é mais comum do que encontrar Maçons que estão em total escuridão quanto a tudo o que se relaciona com a Maçonaria. Ignoram a sua história – não sabem se é uma produção dos nossos dias, ou se a sua origem remonta a eras remotas. Não têm qualquer compreensão acerca do significado esotérico dos seus símbolos ou das suas cerimónias, e dificilmente se sentem à vontade com os seus modos de reconhecimento. E, no entanto, nada é mais comum do que encontrar tais diletantes na posse de altos graus e, às vezes, honrados com altos cargos na Ordem, presentes nas reuniões de lojas e capítulos, interferindo nos procedimentos, tomando parte ativa em todas as discussões e mantendo pertinazmente opiniões heterodoxas em oposição ao julgamento de Irmãos de muito maior conhecimento.

Porque é que, pode ser perguntado, tais coisas devem acontecer? Porque é que, só na Maçonaria, há tanta ignorância e tanta presunção? Se eu pedir a um sapateiro para me fazer um par de botas, ele diz-me que só faz remendos e que não aprendeu os níveis mais elevados do seu ofício, e depois recusa honestamente o trabalho que lhe é oferecido. Se eu pedir a um relojoeiro que construa uma mola principal para o meu cronômetro, ele responde que não o pode fazer, porque nunca aprendeu a fazer molas principais, o que pertence a um nível superior do negócio, mas que se eu lhe trouxer uma mola já pronta, ele coloca-a no meu relógio, porque isso ele sabe fazer. Se eu pedir a um artista que me pinte um quadro histórico, ele dirá que isso está para além das suas capacidades, porque nunca estudou nem praticou a composição de pormenores, mas que se limitou a pintar retratos. Se ele fosse desonesto e



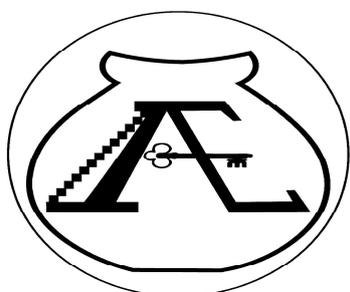
presunçoso, aceitaria o meu pedido e, em vez de um quadro, daria uma mancha.

É apenas o Maçom que deseja esta modéstia. Ele tem demasiada tendência para pensar que a iniciação não só o torna um Maçom, mas também um Maçom erudito. Muitas vezes imagina que as cerimónias místicas que o introduzem na Ordem são tudo o que é necessário para o tornar conhecedor dos seus princípios. Há algumas seitas cristãs que acreditam que a água do baptismo lava imediatamente todos os pecados, passados e futuros. Da mesma forma, há alguns maçons que pensam que o simples ato de Iniciação é imediatamente seguido por um influxo de todo o conhecimento maçónico. Eles não precisam de mais estudos ou pesquisas. Tudo o que eles precisam de saber já foi recebido por uma espécie de processo intuitivo. O grande corpo de maçons pode ser dividido em três classes.



A primeira consiste naqueles que fizeram o seu pedido de iniciação não por um desejo de conhecimento, mas por algum motivo accidental, nem sempre honroso. Tais homens foram levados a procurar a Iniciação ou porque era susceptível, na sua opinião, de facilitar as suas operações comerciais, ou de fazer avançar as suas perspectivas políticas, ou de qualquer outra forma os beneficiar pessoalmente. No início de uma guerra, centenas de pessoas acorrem às Lojas na esperança de obter o “sinal místico”, que lhes será útil na hora do perigo. Tendo o seu objetivo sido alcançado, ou tendo falhado em alcançá-lo, estes homens tornam-se indiferentes e, com o tempo, caem na categoria dos não afiliados. Para estes maçons não há esperança. São árvores mortas, sem promessa de frutos. Deixai-os passar como totalmente sem valor, e incapazes de melhorar.

Há uma segunda classe que consiste em homens que são os antípodas morais e maçónicas da primeira. Estes fazem o seu pedido de admissão, sendo motivados, como o ritual exige, “por uma opinião favorável concebida da Instituição, e um desejo de conhecimento”. Logo que são iniciados, vêm nas cerimónias pelas quais passaram, um significado filosófico digno do trabalho de investigação. Eles dedicam-se a esta investigação. Obtêm livros maçónicos, leem periódicos maçónicos e conversam com irmãos bem informados. Eles familiarizam-se com a história da Ordem. Eles investigam a sua origem e o seu objetivo final. Exploram o sentido oculto dos seus símbolos e adquirem a interpretação. Tais maçons são sempre membros úteis e honrados da



Ordem, e muito frequentemente tornam-se as suas luzes brilhantes. A sua lâmpada arde para o esclarecimento dos outros, e a eles a Instituição está em dívida por qualquer que seja a posição elevada que tenha alcançado. Este artigo não foi escrito para eles.



Mas entre estas duas classes, que acabamos de descrever, há uma intermediária; não tão má como a primeira, mas muito abaixo da segunda, e que, infelizmente, constitui o corpo da Fraternidade.

Esta terceira classe consiste em maçons que se juntaram à Ordem com motivos inquestionáveis, e com, talvez, as melhores intenções. Mas eles falharam em levar essas intenções a efeito. Eles cometeram um erro grave: supuseram que a iniciação era tudo o que era necessário para os tornar maçons, e que qualquer estudo adicional era inteiramente desnecessário. Por isso, nunca leram um livro maçônico. Se lhes mostrarmos as produções dos mais célebres autores maçônicos, o seu comentário é que não têm tempo para ler – as exigências dos negócios são esmagadoras. Mostrem-lhes uma revista maçônica de reputação reconhecida e peçam-lhes que a subscrevam. A sua resposta é que não podem pagar, os tempos são difíceis e o dinheiro é escasso. E, no entanto, não há falta de ambição maçônica em muitos destes homens. Mas a sua ambição não está na direção certa. Eles não têm sede de conhecimento, mas têm uma sede muito grande de cargos ou de graus.

Eles não podem dispor de dinheiro ou tempo para a compra ou leitura de livros maçônicos, mas têm o suficiente de ambos para gastar na aquisição de graus maçônicos. É surpreendente a avidez com que alguns maçons que não compreendem os rudimentos mais simples da sua arte, e que falharam completamente em compreender o alcance e o



significado da Maçonaria primária e simbólica, se agarram às honras vazias dos graus mais elevados. O Mestre Maçom que sabe muito pouco, se é que sabe alguma coisa, do grau de Aprendiz, anseia por ser um Cavaleiro Templário. Ele não sabe nada, e nunca espera saber nada, sobre a história do

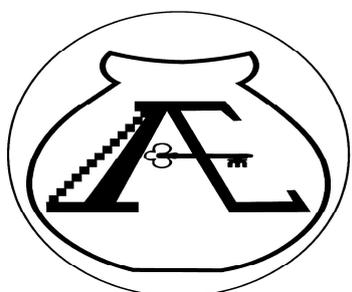
Templarismo, ou como e porque é que estes velhos cruzados se incorporaram na irmandade maçônica. O auge da sua ambição é usar a cruz templária no seu peito. Se ele entrou no Rito Escocês, a Loja de Perfeição não o satisfará, embora forneça material para meses de estudo. Ele gostaria de subir mais alto na escala de classificação, e se por esforços perseverantes ele puder atingir o cume do Rito e ser investido com o trigésimo terceiro grau, pouco lhe importa qualquer conhecimento da organização do Rito ou das sublimes lições que ele ensina. Ele atingiu o auge da sua ambição e pode usar a águia de duas cabeças.

Estes maçons distinguem-se não pela quantidade de conhecimento que possuem, mas pelo número de joias que usam. Darão cinquenta dólares por uma condecoração, mas não darão cinquenta centavos por um livro. Estes homens causam grande prejuízo à Maçonaria. Têm sido



chamados de zangões. Mas eles são mais do que isso. São as vespas, o inimigo mortal das abelhas laboriosas. Dão um mau exemplo aos maçons mais jovens – desencorajam o crescimento da literatura maçônica – conduzem os homens intelectuais, que estariam dispostos a cultivar a ciência maçônica, para outros campos de trabalho – deprimem as energias dos nossos escritores – e rebaixam o carácter da Maçonaria Especulativa como um ramo da filosofia mental e moral. Quando pessoas de fora veem homens ocupando altos postos e cargos na Ordem que são quase tão ignorantes quanto eles próprios sobre os princípios da Maçonaria, e que, se perguntados, diriam que a viam apenas como uma instituição social, essas pessoas de fora concluem muito naturalmente que não pode haver nada de grande valor num sistema cujas posições mais altas são ocupadas por homens que professam não ter conhecimento do seu desenvolvimento superior.

Não se deve supor que se espera que todo o Maçom seja um Maçom erudito, ou que todo o iniciado seja obrigado a se dedicar ao estudo da ciência e literatura maçônicas. Tal expectativa seria tola e irracional. Todos os homens não são igualmente competentes para apreender e reter a mesma quantidade de conhecimento. A ordem, diz Pope – A ordem é a primeira lei do céu. Alguns são, e devem ser, melhores do que os outros, mais ricos, mais sábios. Tudo o que eu defendo é que, quando um candidato entra na Maçonaria, ele deve sentir que há algo nela melhor do que os seus meros apertos de mão e sinais, e que ele se deve esforçar com toda a sua



capacidade para alcançar algum conhecimento dessa coisa melhor. Ele não deve procurar progredir para graus mais elevados sem conhecer algo dos mais baixos, nem tentar obter um cargo, a menos que tenha previamente cumprido, com alguma reputação de conhecimento maçônico, os deveres de um cargo inferior.

Conheci um irmão cuja cobiça pelo cargo o levou a passar por todos os graus, desde Guarda Interno da sua Loja até Grão-Mestre da jurisdição, e que durante todo esse período nunca tinha lido um livro maçônico nem tentado compreender o significado de um único símbolo. Durante o ano do seu Mestrado, achou sempre conveniente ter uma desculpa para se ausentar da Loja nas noites em que os graus eram conferidos. No entanto, através das suas influências pessoais e sociais, tinha conseguido elevar-se na hierarquia acima de todos os que estavam acima dele em conhecimento maçônico. Eles estavam realmente muito acima dele, pois todos sabiam alguma coisa, e ele não sabia nada. Se ele tivesse ficado em segundo plano, ninguém se teria queixado. Mas, estando onde estava, e procurando ele próprio a posição, não tinha o direito de ser ignorante. Foi a sua presunção que constituiu a sua ofensa. Um exemplo mais marcante é o seguinte: Há alguns anos atrás, enquanto editava um periódico maçônico, recebi uma carta do Grande Orador de uma certa Grande Loja que tinha sido assinante, mas que desejava interromper a sua assinatura. Ao apresentar a sua razão, ele disse (uma cópia da carta está agora diante de mim),

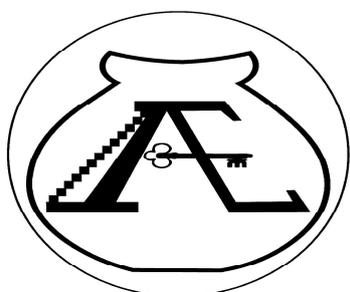
“embora a obra contenha muita informação valiosa, não terei tempo para ler, pois dedicarei todo o ano corrente ao ensino”.

Não posso deixar de imaginar que professor deve ter sido um homem assim e que alunos deve ter instruído.

Este artigo está mais longo do que eu pretendia. Mas sinto a importância do assunto. Há nos Estados Unidos mais de quatrocentos mil maçons filiados. Quantos deles são leitores? Metade – ou mesmo um décimo? Se apenas um quarto dos homens que estão na Ordem lessem um pouco sobre ela, e não dependessem para tudo o que sabem sobre ela das suas visitas às suas lojas, eles teriam noções mais elevadas do seu carácter. Através da sua simpatia, os estudiosos seriam encorajados a discutir os seus princípios e a dar ao público os resultados dos seus pensamentos, e as boas revistas maçônicas gozariam de uma existência próspera.

Mas, porque há tão poucos maçons que leem, os livros maçônicos dificilmente fazem mais do que pagar aos editores as despesas de impressão, enquanto os autores não recebem nada; e as revistas maçônicas estão a ser, ano após ano,

levadas para a Academia literária, onde os cadáveres de periódicos extintos são depositados; e, pior do que tudo, a Maçonaria sofre golpes deprimentes. O Maçom que lê, por pouco que seja, apenas as páginas da revista mensal que assina, terão uma visão mais elevada da Instituição e desfrutará de novos prazeres na posse dessas visões. Os maçons que não leem nada saberão das belezas interiores da Maçonaria Especulativa, mas contentar-se-ão em supor que ela é algo como a Odd Fellowship, ou a Ordem dos Cavaleiros de Pítias – apenas, talvez, um pouco mais velha. Tal Maçom deve ser indiferente. Ele não lançou nenhuma base para o zelo. Se esta indiferença, em vez de ser controlada, se torna mais amplamente difundida, o resultado é demasiado evidente. A Maçonaria tem de descer da posição elevada que tem lutado para manter, através dos esforços dos seus académicos, e as nossas lojas, em vez de se tornarem locais para o pensamento especulativo e filosófico, deteriorar-se-ão em clubes sociais ou meras sociedades de beneficência. Com tantos rivais neste campo, a sua luta por uma vida próspera será difícil. O sucesso final da Maçonaria depende da inteligência dos seus membros.



A NECESSIDADE DO ARCO REAL PARA O MESTRE MAÇOM

Por: Elder de Lucena Madruga

O sistema Maçônico dividido em graus, como praticado hoje em dia, é produto de uma evolução. Não há registro de que antes de 1717 a Maçonaria consistisse em mais de um grau. Nosso simbolismo, a bela preleção, a dicção rebuscada, são frutos do crescimento e desenvolvimento desde um estágio primitivo passando por uma transição durante os séculos passados. A rigor, não havia nenhum grau no início da Maçonaria, os quais só vieram aparecer quando ela começou a assumir sua faceta especulativa. Antes da era especulativa, o candidato em sua iniciação jurava manter o "segredo" e recebia certos encargos, que agora são conhecidos como "Antigos Encargos e Regulamentos". Nisto constituía toda cerimônia, incluindo-se, talvez, a recitação das várias lendas do Ofício, partes das quais são conservadas hoje em dia.

O maçom, antes do de 1717, era nomeado como Aprendiz, Companheiro ou Mestre, não por ter passado por qualquer cerimônia especial ou trabalho de grau, mas por causa do período de tempo de serviço prestado, e pela habilidade demonstrada como artesão. Os Antigos Encargos e Regulamentos, lidos para os Aprendizes, referiam-se aos deveres que eles deviam um ao outro, à Loja, e à Santa Igreja. É até mesmo duvidado, para alguns de nossos melhores historiadores, que o toque e o sinal. fizessem parte dessas antigas cerimônias.



A Antiga Maçonaria, desde sua história lendária mais remota (625 d.C.) até 1740, não tinha pretensões a especulações filosóficas. Não existiu nenhum sábio nos últimos tempos que tenha convertido as simples ferramentas dos artesãos operativos em uma velada instituição filosófica. Em meados do século XVIII, outros que não meros operativos, foram admitidos nas guildas ou lojas, e homens eram eleitos para presidir os irmãos que não tinham habilidade nos instrumentos do Ofício. A introdução do Maçom especulativo preparou o caminho para o alvorecer da Maçonaria. O chamado "reavivamento" de 1717 foi apenas a explosão das forças evolucionárias que vinham se desenvolvendo

lentamente por meio século. Essas mesmas forças estão em ação hoje em dia, para que se possa dizer que a Maçonaria é realmente uma ciência progressiva. Os historiadores maçônicos concordam que, em algum momento entre 1723 e 1730, o segundo e o terceiro grau evoluíram, e na evolução dos graus, a ritualística e o simbolismo se desenvolveram, resultando na Maçonaria intelectual e filosófica dos dias atuais.



A ideia central de todo o sistema Maçônico concentrou-se na "perda" e na "recuperação" da "Palavra", simbolizando a morte e a ressurreição, o fim da presente e começo da vida futura. O estudante da Maçonaria deve admitir que "A Palavra" é o ponto central em torno do qual deve girar todo o sistema do simbolismo maçônico. "Sua posse é a consumação de todo conhecimento maçônico; quando perdida, sua recuperação é o objetivo simbólico do trabalho da alma." Albert Mackey afirmou: "Nenhum evento na história da Maçonaria Especulativa teve uma influência tão importante no seu desenvolvimento como um sistema de simbolismo do que o surgimento do Grau do Arco Real".

O Arco Real surge então como o archote da promessa da ressurreição; daquilo que foi perdido e do que será recuperado.

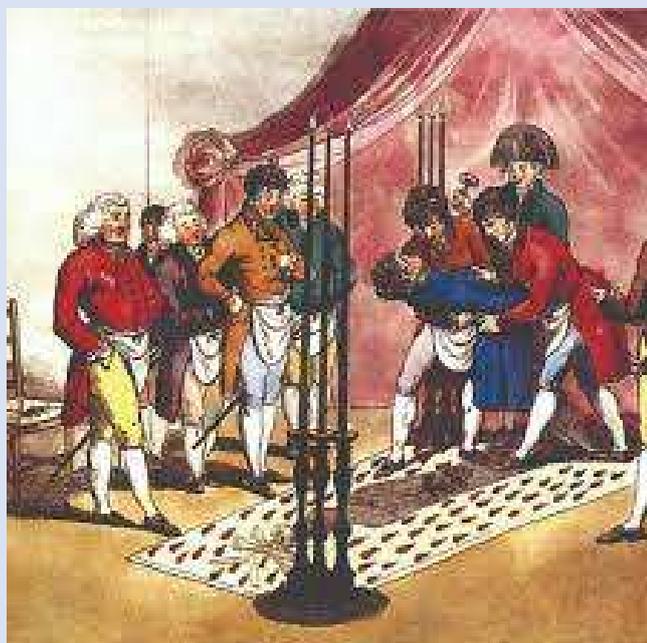
Levanta-se, então, a questão de saber se a Palavra do Mestre era originalmente comunicada no Terceiro Grau. Neste ponto, existe uma certa diversidade de opiniões. Em nosso presente ritual do Terceiro Grau, a Palavra do Mestre se perde. O Dr. Oliver, um historiador notável, diz: "A Palavra nunca foi perdida, mas transferida para o Arco Real", e corroborando com essa afirmação ele diz mais: "Tenho diante de mim uma antiga gravura francesa do *Ground Work of the Master's Lodge*, datada de 1740, que contém os emblemas habituais, e



no caixão está a "Verdadeira Palavra", em Romanos maiúsculos."

O Ir. Newton R. Parvin, Grande Secretário e Bibliotecário da Grande Loja de Iowa, em uma carta a este escritor, diz: "Temos na biblioteca um antigo ritual manuscrito, de 1740, que foi produzido para ser usado pelos Irmãos da Ben Johnson, Head Lodge, No.194. O manuscrito original pertenceu a George Oliver, e incluía no Terceiro Grau a Palavra do Mestre. Ele tem cerca de sessenta páginas de material escrito, começando com uma longa introdução histórica. Muitos pontos são muito semelhantes aos nossos métodos atuais. A linguagem é muito simples e impressionante". Isso tende a provar que, antes da introdução da lenda de Hiram Abif no Grau de Mestre, a Verdadeira Palavra era comunicada no grau de Mestre. Quando a lenda de Hiram se tornou parte do ritual deste grau, necessariamente a "perda" da "Palavra" se seguiu, já que a "perda" é uma parte da lenda Hirâmica. Mas a "perda" sem uma "recuperação" seria um absurdo. Para completar o simbolismo da Maçonaria, a "Palavra" deve ser recuperada, daí seguiu-se a necessidade de um Quarto Grau, o Arco Real.

Em 1738, ou antes, a história da perda da Palavra e da nova lenda (o Arco Real), foram gradualmente introduzidas nas lojas, e quando a Maçonaria da Inglaterra foi dividida entre "Modernos" e "Antigos" (em 1751), estes últimos, organizados em uma Grande Loja, adotaram um sistema de quatro graus, sendo o Arco Real o quarto grau.



A Grande Loja dos "Modernos" evidentemente continuou a usar o antigo ritual, sem a lenda de Hiram Abif, enquanto a Grande Loja dos "Antigos" usava o novo ritual contendo a lenda Hirâmica e o Quarto Grau, até o ano de 1813,

quando as duas Grandes Lojas se uniram e formaram a atual Grande Loja Unida da Inglaterra. Portanto, é para a Grande Loja dos Antigos que devemos o grau de Mestre como encontrado em nosso ritual e também a preservação do grau do Arco Real. Um dos Artigos decorrentes da União das duas Grandes Lojas da Inglaterra em 1813 foi a preservação dos graus conforme formulada pela Grande Loja dos "Antigos". Assim, entre os artigos do acordo desta união, encontramos a única declaração feita em qualquer lugar ou a qualquer tempo sobre o que constitui "Antiga Maçonaria". Este artigo declarou que "A antiga pura Maçonaria consiste de três graus e somente três, isto é, Aprendiz, Companheiro e Mestre, incluindo o Sagrado Arco Real".



Vemos, portanto, que o Arco Real é apenas a evolução de uma verdade contida no início do Terceiro Grau. Não é um "Grau Superior", mas o último volume da série em uma sublime história revelada através do simbolismo. O Grau de Mestre sem o Arco Real é como uma história meio contada, uma música meio cantada e uma promessa não cumprida.

Ao candidato ao grau de Mestre Maçom é prometido que ele receberia, mas isso é adiado. Ele é deixado na escuridão, na dúvida, e pensativo, em uma condição de desapontamento. No entanto, há um propósito por trás dessa aparente decepção. A Luz e a Verdade revelada vêm somente através do trabalho e do serviço voluntário. Esta lição deve ser aprendida antes que qualquer Maçom seja qualificado e sensibilizado para conhecer a Verdade, a Palavra do Mestre.



O TRATAMENTO DE IRMÃO

Por: Leonardo Hermínio Epel

Membros da Maçonaria, unidos pelo Amor Fraternal, qualquer que seja o seu Grau, dão-se o tratamento de "Irmão". É o título que geralmente se dão, mutuamente, os religiosos de uma mesma Ordem e de um mesmo convento e também os membros de uma mesma associação.

Esse tratamento existe em todas as sociedades Iniciáticas e nas confrarias, em que o seu significado é a condição adquirida com a participação de um mesmo ideal baseado na amizade.



A Maçonaria resolveu sugerir-lo aos seus Iniciados, que o receberam com todo agrado, sem nenhuma restrição, passando a ser uma norma obrigatória nos diversos Corpos da Ordem.

De fato, traduz uma maneira de proceder muito afetiva e agradável a todos os corações dos que militam em nossos Templos.

Os maçons são Irmãos por terem recebido a mesma Iniciação, os mesmos modos de reconhecimento e foram instruídos no mesmo sistema de moralidade.



A Maçonaria não reconhece qualquer distinção entre raças, crenças, condições financeira ou social entre seus membros. Há séculos vem a Sublime Instituição oferecendo a oportunidade aos homens de se encontrarem e colherem os frutos do prazer de conviver sempre em paz, em união e concórdia, como amigos desinteressados, dentro de um espírito coletivo voltado à prática do bem, guiados por rígidos princípios morais, sem desavenças e dissensões.

Os membros de nossa Ordem aprendem a destruir a ignorância em si mesmos e nos outros; a serem corajosos contra suas próprias fraquezas, a lutarem contra seus próprios vícios e também contra a injustiça alheia.

São estimulados a praticarem um modo de vida que produza um nível elevado em suas relações com seus Irmãos, aos quais dedicam amizade sincera e devotada. São fiéis cumpridores de todo dever cujo cumprimento lhes seja legalmente imposto ou reclamado pela felicidade de sua Pátria, de sua família e da humanidade.



Jamais abandonará sua prole, seus Irmãos e seus amigos, no perigo, na aflição ou na perseguição. Sobre o coração do maçom está o símbolo do amor, da amizade, da razão serena e perseverante.

O verdadeiro Irmão é aquele que interroga sua consciência sobre seus próprios atos, pergunta a si mesmo se não violou a lei da Justiça, do Amor e da Caridade em sua maior pureza; se não fez o mal e se fez todo o bem que podia; se não menosprezou voluntariamente uma ocasião de ser útil; se ninguém tem o que reclamar dele. E quando não tem uma palavra que auxilie, procura não abrir a boca... (Se for falar, cuida para que suas palavras sejam melhores que o seu silêncio).

O Irmão, possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seu interesse à Justiça.



IN15IDE
 ANOS

 Consultoria científica

O verdadeiro Irmão não tem ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; compreendendo não condena. Portanto, perdoa e anula as ofensas, e não se lembra senão dos benefícios que já tenha recebido, porque sabe que com a mesma sábia compreensão que deixou de condenar, assim será tratado intimamente, na sua própria causa de compreensão, como réu de sua consciência, quando essa lhe julgar.



Não se compraz em procurar os defeitos alheios, nem em colocá-los em evidência. Se a necessidade a isso o obriga, procura sempre motivar o bem que pode atenuar o mal.

Não se envaldece nem com a fortuna, nem com as vantagens pessoais, porque sabe que tudo o que lhe foi dado foi apenas o direito da posse, pertence ao mundo e por poder dessa força natural, se desmerecido, tudo pode lhe ser retirado.

O verdadeiro Irmão respeita em seus semelhantes todos os direitos dados pelas Leis da Natureza, como gostaria que os seus fossem respeitados.

Afinal, se cultiva a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, tem por obrigação abrir mais os seus braços, entrelaçar seus Irmãos e oferecer sua convivência fraterna, sua influência, seu trabalho de auxílio, com harmonia, paz, concórdia e fraternização, dentro e fora do Templo.



O Grande Arquiteto do Universo, que é Deus, ouve nossos rogos e nos mostra o caminho que a Ele conduz, continua a nos proporcionar a dádiva da aproximação de valorosos Irmãos que nos socorrem em nossas dificuldades, se interessam por nós, nos escrevem, telefonam para saber como estamos, trocam e-mails e assim, não nos deixam experimentar a depressão e a solidão.

Nossas Lojas Maçônicas são portos seguros, colos de mãe para enxugamento das lágrimas e o consolo de nossas dores, num ambiente de Luz, Paz e Amor, pois é sublime reunir em seu seio católicos, evangélicos, espíritas, maometanos, israelitas, budistas, e a todos dizer: “Aqui vossas disputas não encontrarão eco. Aqui, não ofendereis a ninguém e ninguém vos ofenderá.”

“O maior cargo em maçonaria é o de verdadeiro Irmão.”



IN15IDE
ANOS

Consultoria científica

OS AUTORES

O RENASCER PARA A MAÇONARIA

Ir.: M.:I.: Fábio Costa de Oliveira Neves
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de Matemática – SEDUC-PA

SIMBOLISMO DA ESCADA DE JACÓ

Ir.: Mário Sérgio dos Santos Nascimento
 A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Sociólogo – SEMAS

O I CHING

Ir.: M.:M.: Emanuel Tadeu Machado
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Professor de Física – Rede Particular de Ensino

AS VIAGENS DO MESTRE SECRETO

Ir.: M.:M.: Richard Dylan Silva
 A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA
 ADONHIRAMITA – GOB
 Técnico Administrativo – COSANPA.

PREBOSTE E JUIZ: ONDE A JUSTIÇA ESTÁ ENTRE COLUNAS

Ir.: M.:I.: Adelino Lourenço Neto
 A.:R.:L.:S.: CAVALEIROS DO ORIENTE – 2568 – GOB-PA
 R.E.A.A. – GOB
 Sec. Estadual de Informática – GOB-PA
 Analista de T.I.

MEU NOME HISTÓRICO: WINSTON CHURCHILL

Ir.: M.:M.: Fábio Carlos de Oliveira Mazzo CIM 276.667
 A.:R.:L.:S.: Monte Sinai – 4498 GOB-SP
 ADONHIRAMITA – GOB
 Oriente de Votuporanga - SP



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
 FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
 JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
 TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

SOBRE O SILÊNCIO: UMA PROPEDEÚTICA

Ir.: M.:I.: Adelino Lourenço Neto

A.:R.:L.:S.: CAVALEIROS DO ORIENTE – 2568 – GOB-PA

R.E.A.A. – GOB

Sec. Estadual de Informática – GOB-PA

Analista de T.I.

PROGRESSO X TRADIÇÃO

Ir.: M.:M.: Luciano de Barros Paes

A.:R.:L.:S.: COONSELHEIRO MACEDO SOARES – 2046 – GOB

RITO BRASILEIRO – GOB

MAÇONS QUE LEEM E MAÇONS QUE NÃO LEEM

Ir.: M.:I.: Antonio Malveiro Jorge

R.: L.: Conde de Paraty, nº 155 (GLLP / GLRP)

Rito Adonhiramita – PT

Gestor de Sistemas e TI

A NECESSIDADE DO ARCO REAL PARA O MESTRE MAÇOM

Ir.: M.:I.: Elder de Lucena Madruga

A.:R.:L.:S.: Sentinela Cuiabana, 3718 – GOB-MT

YORK – GOB

Técnico em Laboratório na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

O TRATAMENTO DE IRMÃO

Ir.: M.:I.: Leonardo Hermínio Epel

A.:R.:L.:S.: SCRIPTA ET VERITAS – 1641 – GOB-RJ

RITO ADONHIRAMITA – GOB



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235

FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL

JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ

TV. PADRE EUTÍQUIO, 837